

NIEVIROSKI, Andrea Lenici. AMORIM, Wellington Lima. Desgaste Físico, Psíquico e Social, como integrantes das “Condições de Trabalho” em organizações.

Revista Interdisciplinar Aplicada

Blumenau, v.5, n.4, p.62- 72, TRI IV, 2011.

ISSN 1980-7031

DESGASTE FÍSICO, PSÍQUICO E SOCIAL, COMO INTEGRANTES DAS “CONDIÇÕES DE TRABALHO” EM ORGANIZAÇÕES

Andrea Lenici Nieviroski¹
Wellington Lima Amorim²

RESUMO: Buscar um maior entendimento sobre as repercussões de determinadas condições de trabalho, na saúde mental dos trabalhadores, torna-se possível através da busca do conhecimento de mecanismos de *desgaste mental* decorrentes. Além disso, também é possível através da compreensão da utilização de *defesas* contra tais sofrimentos nestas organizações de trabalho, recaindo, desta forma, em um silenciamento do sofrimento em detrimento de uma cultura da promoção do adoecimento, incluindo a discussão da *tristeza* como tabu. Estudos interdisciplinares sobre saúde mental dos trabalhadores são sugeridos como essenciais para maior compreensão de tal assunto, tamanha sua complexidade. O caráter bibliográfico deste artigo abrange a leitura, análise e interpretação de livros, periódicos, artigos, etc. Trata-se de leituras atentas e sistemáticas que poderão servir à fundamentação teórica de outros estudos, além de proporcionar conhecimento de diferentes bases científicas disponíveis sobre o tema.

Palavras-chave: Desgaste Mental. Sofrimento. Saúde Mental. Adoecimento. Trabalhadores.

ABSTRACT: Find a better understanding of the effects of certain working conditions, mental health workers, it becomes possible through the pursuit of knowledge of mechanisms of mental strain arising. Moreover, it is also possible by understanding the use of defenses against such organizations working in these sufferings, falling in this way in a silencing of suffering at the expense of promoting a culture of illness, including a discussion of sadness as taboo. Interdisciplinary studies on mental health workers are suggested as essential for greater understanding of the subject, such complexity. The bibliographical this article covers there a ding, analysis and interpretation of books, periodicals, articles, etc.. It's close reading sand systematic that could serve the theoretical basis of other studies, besides providing knowledge of different scientific bases available on the subject

Keywords: Wear Mental. Suffering. Mental Health. Workers.

1 Introdução

A tradução do mundo vivido nas organizações encontrou eco interdisciplinar, sendo criado um campo crítico de discussão, avançando, ao mesmo tempo, na análise de estudos de casos e na investigação das implicações do sistema produtivo sobre as relações sociais. Cruz prefaciando Coutinho (2006) salienta, ainda, que o convívio diário com os avanços científicos-tecnológicos, o cruzamento efetivo entre a vida pública e privada, a diferenciação social dos indivíduos produzida a

1 Especialista em Engenharia de Produção – FACINTER. E-mail: andrea.nieviroski@gmail.com

2 Dr. em Ciências Humanas – Universidade Federal do Maranhão. E-mail: wellington.amorim@gmail.com

NIEVIROSKI, Andrea Lenici. AMORIM, Wellington Lima. Desgaste Físico, Psíquico e Social, como integrantes das “Condições de Trabalho” em organizações.

Revista Interdisciplinar Aplicada

Blumenau, v.5, n.4, p.62- 72, TRI IV, 2011.

ISSN 1980-7031

partir do trabalho, tudo isso, aponta para um aprofundamento da relação entre os processos materiais e subjetivos presentes nas relações de trabalho, configurada nos sistemas organizacionais.

O maior ou menor conhecimento dessa condição humana no espaço organizacional tem sido o diferencial encontrado nas formas de gerenciamento das organizações. Com isso, o mesmo autor entende que discutir a noção de participação das pessoas no coletivo implica investigar a dinâmica das Relações de Trabalho não somente como uma característica da estrutura de funcionamento das organizações, mas como corresponde esta questão em seu fundamento.

A partir destas considerações, Goulart (2007) alerta que o processo de trabalho, quando adotado sob uma perspectiva macro, torna-se muito amplo e generalizante para o entendimento das relações particulares que se desenvolvem no interior das organizações para a realização do trabalho. Para a autora a estrutura sociopolítica e econômica na qual as organizações estão inseridas constitui referência mas não esgota as particularidades que se quer apreender no nível micro das organizações concretas.

Percebe-se, então, a riqueza e complexidade da realidade social, constituindo limitação metodológica e operacional para sua completa apreensão, exigindo-nos opções de variáveis mais significativas a serem analisadas. Para isso, o presente artigo pretende contribuir com a atualização da discussão sobre o universo das Relações de Trabalho através de investigação teórica sobre a variável: “desgaste físico, psíquico e social” como integrantes das “condições de trabalho” em organizações.

Devido aos fatores ligados ao processo de trabalho terem, essencialmente, o corpo como alvo e a *organização do trabalho* atingir mais diretamente o *funcionamento psíquico* (Aued, 2005 p. 225), buscaremos analisar mecanismos de *desgaste mental* nas organizações de trabalho; além disso, entender a utilização de *defesas* contra o sofrimento nestas organizações de trabalho; e, por fim, compreender a repercussão destas condições de trabalho na saúde mental dos trabalhadores.

O caráter bibliográfico deste artigo abrange a leitura, análise e interpretação de livros, periódicos, artigos, etc. Trata-se de leituras atentas e sistemáticas que poderão servir à fundamentação teórica do estudo, conhecendo diferentes contribuições científicas disponíveis sobre determinado tema, que, no caso, corresponde ao “desgaste físico, psíquico e social” como integrantes das “condições de trabalho” em organizações.

2. Mecanismos de *Desgaste Mental*

NIEVIROSKI, Andrea Lenici. AMORIM, Wellington Lima. Desgaste Físico, Psíquico e Social, como integrantes das “Condições de Trabalho” em organizações.

Revista Interdisciplinar Aplicada

Blumenau, v.5, n.4, p.62- 72, TRI IV, 2011.

ISSN 1980-7031

No que se refere ao objetivo de analisar mecanismos de *desgaste mental* em organizações de trabalho, Dejours (1994) alerta que o sofrimento mental inicia quando as pessoas já não conseguem transformar seu trabalho, no sentido de buscar uma maior adequação do mesmo às suas necessidades psíquicas e fisiológicas.

Quando se amplia esta questão, Codo (2002: 175) Apud Guimarães (2006) afirma que a essência do trabalho é o controle, pois trabalhar implica transformar os outros, as coisas e si mesmo. Por extensão, implica o controle do homem sobre o mundo. Porém, para o mesmo autor, quando é retirada do trabalhador a possibilidade de controle sobre as coisas, quando é expropriado do trabalhador, real ou simbolicamente, seu poder de transformação, resta a este repetir movimentos que transformam o trabalho numa tarefa sem sentido. Para Codo Apud Guimarães (2006) a perda de controle é, portanto, uma das fontes de sofrimento no trabalho.

Além desta fonte de sofrimento, Dejours 2000, pp. 78-79 Apud Lancman et al (2011) informa que o sofrimento começa quando a relação homem-organização do trabalho é bloqueada, quando o trabalhador utilizou ao máximo suas faculdades intelectuais, psicossensório-motoras, psicoafetivas de aprendizagem e de adaptação, ou melhor, *quando um trabalhador utilizou tudo o que dispunha de saber e poder sobre a organização do trabalho e quando ele não pode mais mudar a tarefa* inicia-se o sofrimento;

Para o mesmo autor, não é tanto a importância dos constrangimentos mentais ou psíquicos do trabalho que faz aparecer o sofrimento (se bem que este fator seja uma evidência importante) quanto *a impossibilidade de toda a evolução em direção ao alívio. A certeza de que o nível atingido de insatisfação não pode mais diminuir marca a entrada no sofrimento*. Porém, em uma tentativa de saída para estes desgastes mentais Sato (2002b) Apud Galery et al (2011) quando aborda as negociações cotidianas desenvolvidas pelos trabalhadores, descreve que estes criam formas de resistir à racionalidade imposta pela organização, visando melhorar sua sintonia com os contextos de trabalho, seja individual, seja coletivamente. Para o autor, as ações *adaptativas* teriam o fim de adequar o trabalho às características e limites subjetivos dos trabalhadores que a operam.

Sato (2002b) Apud Galery et al (2011) enfatiza, também, os ajustes que os trabalhadores fazem para executar a atividade real do trabalho, à medida que adquirem maior controle do trabalho (familiaridade e poder), ajustes estes que permitem o *replanejamento* do trabalho, ou seja, processos de negociação. Esta ação, para o mesmo autor, teria como objetivo amenizar os esforços de

NIEVIROSKI, Andrea Lenici. AMORIM, Wellington Lima. Desgaste Físico, Psíquico e Social, como integrantes das “Condições de Trabalho” em organizações.

Revista Interdisciplinar Aplicada

Blumenau, v.5, n.4, p.62- 72, TRI IV, 2011.

ISSN 1980-7031

trabalho, manifestar a resistência política ao poder e controle impostos, assim como tornar possível a execução do trabalho, planejado por outro.

2.1 Flexibilidade na organização do trabalho

Dejours (1994) chama a atenção e sugere que *apenas* uma flexibilidade na organização do trabalho é capaz de possibilitar a economia psicossomática a fim de evitar adoecimentos – reações externalizadas, resultantes da agressão sofrida no contexto organizacional. Nesta mesma opinião Codo Apud Guimarães (2006) informa que o sentimento e a percepção de controle, de domínio sobre o processo de trabalho, é essencial para a saúde mental dos trabalhadores e para o significado que atribuem ao seu trabalho. O controle, para o mesmo autor, diz respeito a quanto o trabalhador sente ou percebe que pode definir a maneira de realizar suas tarefas, ou quanto de flexibilidade é possível a este trabalhador na determinação do tempo, ritmo e melhor forma de obter um determinado resultado. O quanto pode opinar, planejar e decidir.

Mendes (2010) instiga o debate informando que a centralidade do trabalho dá-se não só na esfera econômica (o trabalho é a fonte de renda da maioria da população mundial) como também na esfera psíquica – que certamente, representa um paradoxo, uma vez que a atividade laboral ainda parece ser uma importante fonte de saúde psíquica (tanto que sua ausência, pelo desemprego ou aposentadoria, é causa de abalos psíquicos). Porém, a mesma autora ressalta que se registram cada vez mais pesquisas que evidenciam o trabalho como causa de doenças físicas, mentais e de morte. É preciso perguntar: que tipo de trabalho adoece o corpo e até mata? Certamente, não é o trabalho criativo, produtivo, prazeroso, que deveria ser central na vida das pessoas?

3. Utilização de *defesas* contra o sofrimento

Quanto à utilização de *defesas* contra o sofrimento em organizações de trabalho Hallack (2005) denuncia que, elaborados à custa de muito investimento, estratégias e energia dos sujeitos, exatamente para fazer face à organização do trabalho, os mecanismos de defesa podem acabar por se tornar *ideologia defensiva* que, surpreendentemente, coopera com os objetivos da própria organização do trabalho ao se constituir como uma recorrência que circula em torno das relações de poder. Merlo (2002) corrobora com Hallack informando que a reclamação pode tanto tornar-se

NIEVIROSKI, Andrea Lenici. AMORIM, Wellington Lima. Desgaste Físico, Psíquico e Social, como integrantes das “Condições de Trabalho” em organizações.

Revista Interdisciplinar Aplicada

Blumenau, v.5, n.4, p.62- 72, TRI IV, 2011.

ISSN 1980-7031

instrumento de uma modificação na organização do trabalho como gerar um processo de alienação e de conservadorismo. Para o autor, este segundo caminho explica-se pelo fato de que, após terem-se desenvolvido mecanismos de defesa contra a organização do trabalho, torna-se penoso tentar uma modificação nessa situação.

Além disso, como descreve Dejours (1993: 43) Apud Merlo (2002), a ideologia defensiva funcional tem por objetivo [...] mascarar, conter e ocultar uma ansiedade particularmente grave. [...] É ao nível da ideologia defensiva, na medida em que se apresenta como um mecanismo de defesa elaborado por um grupo social particular, que se deve buscar uma especificidade [...]. Ainda, para o mesmo autor, uma ideologia defensiva não é dirigida contra uma angústia originada de conflitos intrapsíquicos de natureza mental, mas ela é destinada a lutar contra um perigo e um risco real [...]. Uma ideologia defensiva, para ser operatória, deve obter a participação de todos os interessados e [...], para ser funcional, deve ser dotada de uma certa coerência.

Batomé (2001) informa que a leitura desse ensaio de Dejours coloca o leitor diante da dinâmica de como as pressões, o medo e a ameaça de exclusão do trabalho podem gerar alienação, violência e doenças, por meio de estratégias de defesa contra o sofrimento. Ao mesmo tempo, e paradoxalmente, o trabalho permanece como mediador de auto-realização, sublimação e saúde. Para explicar esta dinâmica Hallack (2005) diz que a ameaça permanente, e a real precarização das relações de trabalho na atualidade, faz com que o trabalhador aumente a cadência na execução da tarefa, como tamponamento da falta de sentido e da busca desenfreada por reconhecimento. Neste caso, comenta o autor não é o reconhecimento salutar que conduz à produção de sentido e à sublimação, mas o reconhecimento que irá salvar seu emprego e supostamente o salvaguardar da fatalidade a qual muitos sucumbiram ao acabar nas ruas esmolando, por exemplo.

3.1 Ideologias de defesa coletivas

A busca pelo reconhecimento, ainda para Hallack (2005), não encontra mais a via de descarga que conduz à identidade e à integração da história de vida do sujeito transferida para o seu trabalho o que, por sua vez, o remete, ao seu tempo, à sociedade em que vive, aos acontecimentos históricos e mundiais dos quais é parte integrante. Ao contrário, sai de cena então o sofrimento criador, ficando em cena somente o sofrimento patogênico que demanda do sujeito não a

NIEVIROSKI, Andrea Lenici. AMORIM, Wellington Lima. Desgaste Físico, Psíquico e Social, como integrantes das “Condições de Trabalho” em organizações.

Revista Interdisciplinar Aplicada

Blumenau, v.5, n.4, p.62- 72, TRI IV, 2011.

ISSN 1980-7031

inteligência astuciosa e transgressiva, não a busca de sentido para si próprio e sua vida, não a consciência crítica de sua condição; mas, sim, a necessidade de se defender cada vez mais de uma ameaça iminente, denuncia Hallack (2005).

As estratégias defensivas enquanto *ideologias de defesa* são resistências construídas por um processo de alienação que exigem uma negação coletiva ou uma construção fantasiosa coletiva sobre o mundo real e os reais problemas do trabalho. Como em toda anestesia, para o mesmo autor, paralisa-se momentaneamente a indignação e o movimento - principalmente em sociedades em que a acumulação de riqueza e a multiplicação da miséria se dão de forma cada vez mais aguda.

Batomé 2001, contribui informando porém, que o trabalho, além de ser a realização de ações subjetivadas (no sentido atribuído pela Psicologia do Trabalho francesa), é também um viver em comum. No trabalho, deste modo, as pessoas criam ações para enfrentar a defasagem entre a organização prescrita (tarefa) e a organização do trabalho real. Nesse mesmo trabalho, elas constroem sentido para a situação, para o sofrimento e para o próprio trabalho.

Dejours Apud Batomé (2001) identifica dois processos básicos na mobilização subjetiva que colocam uma pessoa na posição perversa de colaboradora do mal, mesmo sendo ela, reconhecidamente, uma "pessoa de bem" (não perversa). Por um lado, o uso do medo e da ameaça de castração simbólica, presentes no discurso da virilidade (masculinidade) reconhecida pelo grupo como instrumento de banalização do mal e promotora da inversão do ideal de justiça. De outro modo, a *racionalidade pática* (com condutas, ações, decisões) apoiada em uma racionalidade construída coletivamente e utilizada pelo sujeito para preservação de sua saúde física e mental, ou para realização de uma construção subjetiva de sua identidade, e de seu pertencimento a um grupo.

4. Silenciamento do sofrimento e cultura da promoção do adoecimento

Assim, para compreender a repercussão destas condições de trabalho na saúde mental dos trabalhadores corroboramos com Brant (2004) que constatou uma tentativa de silenciamento do sofrimento e uma cultura da promoção do adoecimento no espaço da empresa, envolvendo trabalhadores, profissionais da saúde e os gestores com a cumplicidade de famílias de trabalhadores identificados como pacientes.

Para reinterar esta discussão, Brant agora em (2007) informa que a idéia de sofrimento evoca, principalmente quando relacionado ao trabalho, sentidos que vão do medo da perda do emprego ao

NIEVIROSKI, Andrea Lenici. AMORIM, Wellington Lima. Desgaste Físico, Psíquico e Social, como integrantes das “Condições de Trabalho” em organizações.

Revista Interdisciplinar Aplicada

Blumenau, v.5, n.4, p.62- 72, TRI IV, 2011.

ISSN 1980-7031

da designação para um novo cargo, da angústia diante das tarefas simples ou daquelas de alta complexidade, compondo uma mesclagem de emoções tanto “positivas como negativas”. Na era pós-industrial, para o mesmo autor, a manifestação do sofrimento tornou-se um verdadeiro tabu. É vista como ausência de motivação, fraqueza de caráter ou desequilíbrio emocional. O processo de reestruturação organizacional exige que o sujeito se mantenha aberto, sem medo das transformações; que corra riscos com otimismo e, sobretudo, expresse satisfação com a vida. Em face desses imperativos, o sofrimento não pode ser reconhecido como tal, pois suas manifestações contrariariam a exaltação do eu diante das estratégias de estetização das empresas.

4.1 Tristeza como tabu

Já em 2008 Brant denuncia, também, que a manifestação da *tristeza* corresponde igualmente a um tabu, e raros são os indivíduos dispostos a escutar a pessoa triste. A falta de tempo é a resposta comum para a ausência de laços e de redes capazes de proporcionar acolhimento ao sujeito e sua tristeza. Os voláteis gestos de solidariedade para desempregados ou para os alvos de assédio moral e sexual nas empresas têm a exata duração das manchetes da mídia, denuncia o mesmo autor, caindo no esquecimento quando novos interesses ocupam a pauta da agenda política. As buscas por soluções imediatas acabam por cercear a expressão do sofrimento, comprometendo a saúde e as estratégias de resistências dos trabalhadores.

Brant (2008) relata que é visível o esforço de alguns tentando fazer com que a expressão de tristeza adquira a fachada de bem-estar, evidenciando a fragilidade das estratégias para enfrentar as pressões. Outros tentam impedir que a manifestação da tristeza seja diagnosticada como doença – forma de evitar uma exclusão cercada de cuidados. Trabalhadores, gestores e profissionais da saúde constroem estratégias de resistência contra o adoecimento, dignostica o mesmo autor, e instituem espaços de escuta para a manifestação do sofrimento. Profissionais da saúde e gestores não sabem lidar com a expressão do sofrimento, tampouco que destino lhe dar.

5 Estudos interdisciplinares e a saúde mental dos trabalhores

Apesar das condições adversas apresentado pelos autores, alguns trabalhadores revelam sofrimentos e constroem resistências à lógica do adoecimento, como Fernandes (2006) bem informa

NIEVIROSKI, Andrea Lenici. AMORIM, Wellington Lima. Desgaste Físico, Psíquico e Social, como integrantes das “Condições de Trabalho” em organizações.

Revista Interdisciplinar Aplicada

Blumenau, v.5, n.4, p.62- 72, TRI IV, 2011.

ISSN 1980-7031

algumas estratégias se constituem em aspecto importante ao desenvolvimento de estudos interdisciplinares que possibilitem a compreensão da dimensão psicossocial do trabalho e sua relação com a saúde mental, uma vez que esse processo envolve aspectos psicológicos, sociológicos e fisiológicos. A Gestão de Pessoas, por exemplo, como Amaral (2010) informa, é uma área multidisciplinar que deriva de um campo mais amplo de conhecimento e de práticas: as ciências sociais aplicadas e a administração. A Saúde Mental do Trabalhador, tal como a primeira, também é uma área multidisciplinar, mas possui sua raiz derivativa do campo da Saúde Coletiva, mais especificamente, da área da Saúde do Trabalhador, recebendo contribuições de diversos campos de conhecimento, como da psicologia, da medicina e das próprias ciências sociais.

A relação de ambas as áreas com as ciências sociais consiste nas contribuições da Sociologia, da Psicossociologia e da Sociologia do Trabalho por meio de estudos sobre os aspectos psicossociais inseridos tanto no contexto das organizações, especificamente, quanto no das relações de trabalho, de modo geral, respectivamente. Assim, para Fernandes (2006) as análises num campo multidisciplinar devem buscar a compreensão das relações entre processo de trabalho e saúde mental, utilizando uma abordagem que busque a apreensão dos determinantes psicoafetivos, socioculturais, econômicos e políticos, inerentes ao processo de trabalho e suas repercussões na saúde mental dos trabalhadores.

6 Conclusão

O presente artigo buscou, a partir do que foi apresentado, contribuir um pouco mais com o diagnóstico a cerca da saúde mental de trabalhadores em condições que envolvam desgaste físico e, principalmente *desgaste psíquico e social*. Para esta tarefa buscou-se, como pano de fundo das análises, a *organização do trabalho* por ter como alvo o *funcionamento psíquico* (Aued, 2005 p. 225). A partir disso, avaliou-se mecanismos de *desgaste mental* nas organizações de trabalho, incluindo a principal observação feita por Dejours 2000 Apud Lancman et al (2011) que diz não ser tanto a importância dos constrangimentos mentais ou psíquicos do trabalho que faz aparecer o sofrimento (se bem que este fator seja uma evidência importante) quanto *a impossibilidade de toda a evolução em direção ao alívio. A certeza de que o nível atingido de insatisfação não pode mais diminuir marca a entrada no sofrimento.*

Além disso, buscou-se entender a utilização de *defesas* contra o sofrimento nestas organizações de trabalho a partir de Hallack (2005) que visualiza a ameaça permanente, e a real

NIEVIROSKI, Andrea Lenici. AMORIM, Wellington Lima. Desgaste Físico, Psíquico e Social, como integrantes das “Condições de Trabalho” em organizações.

Revista Interdisciplinar Aplicada

Blumenau, v.5, n.4, p.62- 72, TRI IV, 2011.

ISSN 1980-7031

precarização das relações de trabalho na atualidade, como principais vetores de aceleração cotidiana, fazendo com que o trabalhador aumente a cadência na execução da tarefa, como tamponamento da falta de sentido e da busca desenfreada por reconhecimento. Neste caso, comenta o autor, não é o reconhecimento salutar que conduz à produção de sentido e à sublimação, mas o reconhecimento que irá salvar seu emprego e supostamente o salvaguardar da fatalidade a qual muitos sucumbiram ao acabar nas ruas esmolando, por exemplo.

E, por fim, buscamos compreender a repercussão destas condições de trabalho na saúde mental dos trabalhadores através de duas constatações: a primeira como denuncia Brant (2007) corresponde a repercussão quanto à manifestação do sofrimento, visto atualmente, como um verdadeiro tabu. Neste caso, para o autor, é visto como ausência de motivação, fraqueza de caráter ou desequilíbrio emocional. O processo de reestruturação organizacional exige que o sujeito se mantenha aberto, sem medo das transformações; que corra riscos com otimismo e, sobretudo, expresse satisfação com a vida. A partir disso, para Brant (2007) trabalhadores, gestores e profissionais da saúde constroem estratégias de resistência contra o adoecimento e instituem espaços de escuta para a manifestação do sofrimento. Profissionais da saúde e gestores não sabem lidar, contudo, com a expressão do sofrimento, tampouco que destino lhe dar.

Em uma segunda constatação, para um entendimento maior da repercussão das condições de trabalho na saúde mental dos trabalhadores foi utilizado Fernandes (2006) que sugere análises num campo multidisciplinar, devendo estas buscar a compreensão das relações entre processo de trabalho e saúde mental, utilizando uma abordagem que busque a apreensão dos determinantes psicoafetivos, socioculturais, econômicos e políticos, inerentes ao processo de trabalho e suas repercussões na saúde mental dos trabalhadores.

Referências Bibliográficas

AUED, Bernadete W. Org. **Traços do trabalho coletivo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

BATOMÉ, Sílvio Paulo; CRUZ R.M.; MARTINS, S.R. **A (In)sustentável banalização do ser**. *Revista Produção* 1(1): 173-179, jan./jun. 2001.

BRANT, Luiz Carlos & GOMEZ, Carlos Minayo. **A transformação do sofrimento em adoecimento: do nascimento da clínica à psicodinâmica do trabalho**. *Ciência & Saúde Coletiva* 9(1):213-223, 2004.

BRANT, Luiz Carlos & GOMEZ, Carlos Minayo. **Dispositivos de transformação do sofrimento em**

NIEVIROSKI, Andrea Lenici. AMORIM, Wellington Lima. Desgaste Físico, Psíquico e Social, como integrantes das “Condições de Trabalho” em organizações.

Revista Interdisciplinar Aplicada

Blumenau, v.5, n.4, p.62- 72, TRI IV, 2011.

ISSN 1980-7031

adoecimento numa empresa *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 3, p. 465-473, set./dez. 2007.

BRANT, Luiz Carlos & GOMEZ, Carlos Minayo. **Da tristeza à depressão: a transformação de um mal-estar em adoecimento no trabalho** *Interface Comunicação, Saúde e Educação*, v.12, n.26, p.667-76, jul./set. 2008.

COUTINHO, Maria Chalfin. **Participação no trabalho**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2006 (Coleção trabalho humano / dirigida por Roberto Moraes Cruz).

DEJOURS, Christophe. **Subjetividade, trabalho e ação**. *Revista Produção*, v. 14, n. 3, p. 027-034, Set./Dez. 2004.

FERNANDES JD, MELO CMM, GUSMÃO MCCM, FERNANDES J, GUIMARÃES A. **Saúde mental e trabalho: significados e limites de modelos teóricos**. *Rev Latino-am Enfermagem*, 14(5), www.eerp.usp.br/rlae, set./out. 2006.

GOURLART, Irís Barbosa. **Psicologia do trabalho e gestão de recursos humanos: estudos contemporâneos**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.

GUIMARÃES, Magali Costa. **Controle no trabalho: uma reflexão sobre antigas e novas formas de controle e suas conseqüências sobre os trabalhadores**. *Revista de Gestão USP*, v. 13, n. 1, p. 1-10, jan./mar. 2006.

HALLACK, Fernanda Sansão & SILVA, Cláudia Osório. **A Reclamação nas Organizações do Trabalho: Estratégia Defensiva e Evocação do Sofrimento**. *Psicologia & Sociedade*, 17 (3), 67-72; set/dez: 2005.

MERLO ARC, JACQUES MG, CODO W (Orgs). **Saúde mental & trabalho – leituras**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005

SANTOS, Ana Paula Lopes dos & GALERY Augusto Dutra. **Controle sobre o trabalho e saúde mental: resgatando conceitos, pesquisas e possíveis relações**. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, vol.14, n.1, pp.31-41, 2011.

SANTOS MAF, SIQUEIRA MVS, MENDES AM. Documentos e Debates: Tréplica - Relações entre Suicídio e Trabalho. *RAC*, Curitiba, v. 14, n. 5, pp. 956-967, Set./Out. 2010.

SZNELWAR LI, UCHIDA S, LANCMAN S. **A subjetividade no trabalho em questão**. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 23, n. 1, pp. 11-30, jun. 2011.

VIZZACCARO-AMARAL, André Luís. **Dimensões Psicossociais do trabalho precarizado e do desemprego em meio à atual crise socioeconômica mundial**. <http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010>.